

FREPOP- Fórum Regional de Educação Popular do Oeste Paulista: memórias

Cláudia Elaine Catena

Como citar: CATENA, Cláudia Elaine. **FREPOP- Fórum Regional de Educação Popular do Oeste Paulista:** memórias. *In*: MIGUEL, José Carlos (org.). **Educação de jovens e adultos: Teoria, Práticas e Políticas.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 367-390. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-310-6.p367-390>



FREPOP- Fórum Regional de Educação Popular do Oeste Paulista: memórias

*Cláudia Elaine Catena*⁶⁵

Introdução

Refletir sobre a educação popular no Brasil nos remete a uma realidade injusta e desigual a evidenciar, apesar de alguns avanços, certo descaso com a formação daqueles que, pelos mais variados motivos, foram deixados à margem do processo de escolarização durante a infância. Pensar essa questão na cidade de Lins nos dias atuais a princípio parece impossível haja vista que a cidade em sua grande maioria (83,37% de votos no segundo turno)⁶⁶ em 2018, parece satisfeita com a atual realidade brasileira. Porém, se nos reportarmos a um passado recente, a história mostra Lins como um foro progressista, um palco de compromisso e iniciativas de educação popular através da Diocese local e também pela realização de um grande evento acadêmico, o Fórum Regional de Educação Popular, FREPOP.

O FREPOP consolidou-se durante anos como um evento científico coordenado pela Secretaria Municipal de Educação de Lins-

⁶⁵Professora da Rede Estadual de Educação Básica. Mestranda em Educação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília, SP. Pesquisa realizada como requisito parcial para avaliação da disciplina Abordagem Metodológica da Educação de Jovens e Adultos) ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Marília/SP.

⁶⁶<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/municipios-sao-paulo/lins-sp/presidente>. Acesso em: 19 jun. 2021.

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-310-6.p367-390>

SP, na gestão do Prof. Dr. Antônio Folquito Verona, como secretário na ocasião e idealizador do fórum de debates.

Nos doze anos de realização do FREPOP, muitos são os que de alguma forma colaboraram para a realização dos encontros, agregando a participação efetiva de docentes, pesquisadores e discentes dos vários níveis do sistema de ensino. Por termos participado do evento em algumas edições e indignados ante a realidade excludente da educação nacional surgiu, então, o interesse em resgatar a memória e a importância histórica do FREPOP, como espaço de encontro, vivência, reflexão, debate, análise, participação, de luta e de esperança, pois através da troca de saberes e experiências é que se explicita a educação popular.

O FREPOP floresce no limiar do atual milênio, em contexto de efervescência política da vida brasileira, mas de transformações significativas no sentido de fazer valer direitos sociais dos excluídos de prerrogativas essenciais à dignidade da pessoa humana. Nesse movimento, o combate à fome e à miséria, bem como a busca de superação do analfabetismo e a interiorização do ensino superior, com a ampliação do acesso à universidade se destacam.

Assim, Gadotti (2000), ao falar de esperança no futuro do novo momento nacional e nas possibilidades para a educação popular prenunciava uma crise de concepções e paradigmas, a exigir no debate, na unidade dos contrários e na cultura contemporânea, elementos para a compreensão e construção da nova realidade. Segundo ele,

o paradigma da *educação popular*, inspirado originalmente no trabalho de Paulo Freire nos anos 60, encontrava na *conscientização* sua categoria fundamental. A prática e a reflexão sobre a prática levaram a incorporar outra categoria não menos importante: a da *organização*. Afinal, não basta estar consciente, é preciso organizar-se para poder transformar. Nos últimos anos, os educadores que permaneceram fiéis aos princípios da educação popular atuaram

principalmente em duas direções: na *educação pública popular* – no espaço conquistado no interior do Estado –; e na *educação popular comunitária* e na *educação ambiental* ou *sustentável*, predominantemente não-governamentais (GADOTTI, 2000, p. 6, grifos do autor).

Concebendo a educação popular como instância de conscientização e instrumento para a democratização da sociedade, Freire considera que os subordinados devem entender a sua condição de subordinação, compreender as relações em que estão inseridos e isso só será possível se tiverem uma educação que em sua essência seja crítica. Nas palavras do autor: “[...] uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática” (FREIRE, 1979, p. 89).

A concepção freireana de educação é libertadora, onde o indivíduo desenvolve a consciência e é capaz de apreender criticamente a realidade.

No livro *Educação popular e educação de adultos: contribuições à história da educação brasileira*⁶⁷, Paiva (1973)⁶⁸ tem por objetivo abordar historicamente os problemas da educação popular por meio de pressupostos “[...] sócio-políticos, oriundos do conhecimento acumulado e aplicável ao campo educacional, na tentativa de explicar a história da educação dos estratos populares no Brasil em conexão com as motivações e consequências políticas dos programas educativos.” (PAIVA, 1973, p. 14). Por meio de análise minuciosa das campanhas de educação de jovens e adultos no Brasil a autora conclui que os anos 20 [1920] e os anos 30 [1930] colocam-se “[...] como os mais relevantes dentro da história educacional brasileira, marcando o início de períodos

⁶⁷ Esse livro resulta da dissertação de mestrado em educação apresentado pela autora à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1972 (PAIVA, 1972).

⁶⁸ Em 2003, publicação da sexta edição (revista e ampliada) desse livro sob o título *História da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos* (PAIVA, 2003).

bastante diferentes tanto no que concerne às ideias e à abordagem dos problemas educacionais quanto à atenção dispensada à difusão do ensino elementar ou à educação dos adultos, especificamente”. (PAIVA, 1973, p. 304-305).

A simples análise da denominação de algumas campanhas/ações realizadas em âmbito nacional em relação ao aprendizado inicial de jovens e adultos no Brasil evidencia ênfase à alfabetização (de forma geral, até a década de 1990) em detrimento do aprendizado de outros saberes historicamente construídos⁶⁹. Considera-se assim, que investigar os aspectos históricos e documentais pode contribuir para ampliar as reflexões sobre o FREPOP, no sentido de evidenciar a sua importância para a educação popular.

Para a realização desse trabalho, optamos pela pesquisa bibliográfica, pela análise documental bem como de relatos históricos e procedimentos de observação e entrevista semiestruturada. Como hipótese explicativa de fontes documentais sobre o FREPOP, utilizaremos produções em forma de artigos, teses acadêmicas, leis, decretos, programas e similares, que auxiliem a contemplar os objetivos da pesquisa.

De acordo com Cervo e Bervian (1976), qualquer tipo de pesquisa em qualquer área do conhecimento, supõe e exige pesquisa bibliográfica prévia, quer para o levantamento da situação em questão, quer para a fundamentação teórica ou ainda para justificar os limites e contribuições da própria pesquisa.

A opção por essa metodologia decorre do fato de considerá-la adequada à análise de textos legais e acadêmico-científicos, tomados na

⁶⁹ A título de exemplo, citamos: “Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo” (1958-1963); “Programa Nacional de Alfabetização” (1963-1964); e “Movimento Brasileiro de Alfabetização” (MOBRAL – 1967-1985).

pesquisa como documentos históricos, compreendidos, não como meras sobras do passado, mas como:

[...] produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. [...] O documento não é inoculo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando lhes o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro— voluntária ou involuntariamente — determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo (LE GOFF, 2003, pp. 535-538).

Para a entrevista semiestruturada, a metodologia envolveu a elaboração de roteiro de entrevista, analisado por juízes e reelaborado e para a coleta de dados com a utilização do referido roteiro, realizou-se entrevista. Como se sabe, a entrevista semiestruturada é interessante por sua flexibilidade, ou seja, embora o pesquisador tenha um roteiro previamente estabelecido, outras questões podem ser elaboradas durante o trabalho, de acordo com o andamento da conversa. O embasamento teórico se dará através do livro “Análise de Entrevista” do autor Eduardo José Manzini.

[...] na pesquisa, podemos entender a entrevista social como sendo um meio ou instrumento para coleta de dados sobre um determinado tema que se refere a um problema de pesquisa [...] entrevistar significa envolver-se em processo de interação, significa interagir [...] a entrevista pressupõe a existência de pessoas e a possibilidade de interação social (MANZINI, 2020, p. 25).

Com a participação nas aulas/encontros virtuais da referida disciplina e também com os encontros virtuais do grupo de pesquisa GP FORME⁷⁰, estivemos em contato com diversos textos em forma de artigos e/ou livros de inúmeros autores, que ajudaram a fundamentar este estudo.

Resgatar a importância do FREPOP é falar de coisas muito caras para nós, uma vez que tudo era feito com muito esforço e empenho para que esses encontros fossem os mais proveitosos, possível. Havia ali, de fato um trabalho em equipe.

Desde muito cedo entendemos a nossa condição social, de ser e estar no mundo, o que talvez justifique a nossa escolha pela profissão, pois em nossa casa a prioridade sempre foi o estudo e continua sendo. Hoje fazemos essa leitura de opressor e oprimido, falamos em minorias, porém na verdade, são minorias em poder, de decisão, de escolha, de voz... que nos tocam profundamente como seres humanos.

Sempre quisemos entender a questão da terra, do analfabetismo, da baixa escolarização de amplo segmento da população brasileira, do indígena, do negro, da comunidade LGBTQIA+⁷¹, das pessoas com deficiência, das mulheres, etc.

⁷⁰GP FORME Grupo de Pesquisa Sobre Formação do Educador (Metodologias e Práticas de Ensino na Formação do Educador).

⁷¹Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexuais, assexuais, sendo que o sinal de+ é utilizado para incluir outros grupos de sexualidade e gênero.

Fazemos essa discussão e termos a possibilidade de dialogarmos com pessoas que têm o mesmo objetivo, o mesmo sonho, que apesar de todas as mazelas sofridas, continuam acreditando que a educação é um caminho possível, senão o único, é muito importante, pois, fortalece e inspira a prosseguirmos, se não no caminho certo, ao menos em busca dele, nos faz atentarmos para a premissa da educação inclusiva, em perspectiva de educação para todos ao longo da vida e nos debruçarmos sobre essas questões, para no mínimo entender, haja vista que como está não pode continuar, há que se fazer algo e há urgência nisso.

Realizar esse resgate proporcionará reavivar na memória afetiva momentos ímpares, e quiçá, servirá de inspiração para a transformação da sociedade, pois como incansavelmente conforme Freire (2019) “a educação é ato político” e segundo Gadotti (2003) “é o político que é transformador”.

1 A Criação do DO FREPOP: elementos determinantes

A atuação da Diocese de Lins nos anos de chumbo, período da Ditadura Militar, foi considerada uma das mais engajadas do país na questão social, na luta pela democracia, contra o regime que violava os direitos humanos e com demonstrações de compromisso com os trabalhadores e as classes populares.

O FREPOP se configurou como um evento científico que foi coordenado pela Secretaria Municipal de Educação de Lins-SP, na gestão do Prof. Dr. Antônio Folquito Verona, como Secretário na ocasião, de um governo Democrático e Popular, e idealizador do mesmo, que inspirado, junto com outros militantes de Lins, na experiência do I Fórum Social Mundial de 2001, que aconteceu em Porto Alegre, do qual participaram ativamente.

Como se sabe, o evento em tela caracterizou-se como um território de encontros entre os vários segmentos de luta pelos direitos humanos, pela garantia das conquistas sociais urbanas e rurais, pela defesa da diversidade e da natureza, pela denúncia contra as mazelas do capitalismo. Nesse espaço de discussão foram aprofundadas as trocas de experiências e a articulação para ações eficazes de movimentos da sociedade civil que se contrapunham às diferentes formas de exploração e dominação capitalistas, revelando a esperança em um outro mundo possível, teve a brilhante ideia de trazer esse formato de evento para nossa cidade.

Refletindo sobre o processo de fundamentação da Educação Popular, Paludo, afirma:

A concepção de Educação Popular (EP) como campo de conhecimento e como prática educativa se constitui em exercício permanente de crítica ao sistema societário vigente, assim como de contra-hegemonia ao padrão de sociabilidade por ele difundida. Construída nos processos de luta e resistência das classes populares, é formulada e vivida, na América Latina, enquanto uma concepção educativa que vincula explicitamente a educação e a política, na busca de contribuir para a construção de processos de resistência e para a emancipação humana, o que requer uma ordem societária que não seja a regida pelo capital (PALUDO, 2015, p. 220).

Lins já demonstrava anos antes do FREPOP, através da Secretaria Municipal de Educação, compromisso com um projeto emancipatório através da educação de jovens e adultos. Havia criado o Centro de Educação Popular (CEP) “Paulo Freire”, tendo como diretora Salete Elias da Silva Castro conhecida por muitos como “mãe do FREPOP”, que era destinado a encontros, momentos de estudos, oficinas de trabalho e espaço de lazer para estudantes, professores e para

a comunidade em geral; realizou a abertura de uma classe do CEP na Escola Estadual “João Santos Meira”, na zona rural, a uma distância aproximada de trinta quilômetros do centro da cidade, onde trabalhadores rurais sem-terra provenientes do acampamento “Simon Bolívar” puderam estudar; realizou a II Conferência Municipal de Educação, onde os estudantes do CEJA tiveram importante participação, não somente na definição de prioridades, mas também na elaboração de planos de ação, reforçando o compromisso da gestão municipal do período, oportunizando validar e reconhecer os saberes não escolares e, ao mesmo tempo, articular vida e escola. Como destaca Brandão:

É essa vida vivida todos os dias, tal como ela é vivida e pensada pelas diferentes categorias de “pessoas do lugar”, mas principalmente pelos estudantes e através deles, o que importa considerar, como ponto de partida. A vida cotidiana e seus fios e feixes abertos a uma história social local, como uma história de estórias, vivida e refletida em todos os planos experimentados e imaginados de relacionamentos realizados entre pessoas (BRANDÃO, 2003, p. 231).

A primeira e a segunda edição do FREPOP foram realizadas com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Lins, sendo que a partir da terceira edição do evento, sua realização se dava pelo esforço pessoal e voluntário de várias pessoas e a fundação da ONG FREPOP que posteriormente assumiu a organização do evento. Na sua quarta edição torna-se internacional, com a presença de educadores que viviam a experiência da educação popular na Espanha, África, Argentina, Colômbia, Índia, entre outros. O FREPOP acontecia uma vez ao ano durante cinco dias, geralmente no mês de julho, por ser o período de férias escolares, tendo sido realizadas doze edições.

Durante todos esses anos, muitos foram os desafios enfrentados, a começar pela questão financeira, que embora houvesse apoio do governo municipal e também do governo federal, as parcerias eram de suma importância, pois já dizia Paulo Freire que não há como fazer Educação sem sentimento, porque essa ação exige o compromisso não apenas intelectual, mas também, e sobretudo, afetivo.

Entre as instituições a apoiar o evento podemos citar o Instituto Americano de Lins, que cedia espaço físico: a Unilins que na pessoa de seu reitor à época, Edgar Paulo Pastorello, além de ceder espaço, emprestou uma sala com telefone, de onde era possível fazer contatos com pessoas de todos os lugares engajadas nessa construção de um outro mundo possível.

Além de ter ajudado financeiramente, o Instituto Teológico de Lins (ITEL) foi outra instituição fundamental para viabilizar o FREPOP dado ser um espaço ímpar com relação às suas instalações, salão para reuniões, ampla área externa gramada, refeitório, cozinha e dormitórios.

Igualmente, a UNESP, câmpus de Assis e de Marília, que traziam professores e alunos, sendo um parceiro importante que ajudava a custear algumas passagens e também seus professores enquanto palestrantes, nunca cobraram nada, além dos organizadores, na maioria das vezes o próprio Folquito, que acabavam colocando dinheiro do próprio bolso, pois a taxa de inscrição era bastante simbólica e não supria todas as despesas, para que o evento acontecesse, providenciando desde o mais básico, como por exemplo lonas, canetas, blocos de papel, pastas, sacolas, camisetas, folders, além de materiais a serem utilizados nas oficinas. Algumas acomodações ou hospedagens ficavam por conta de pessoas de boa vontade que recebiam os participantes em suas próprias casas. Iniciava-se aí umas das principais marcas do FREPOP, o acolhimento.

Era com essa solidariedade e com esse sentimento fraterno que o FREPOP se constituía e não poderia ser diferente, pois os organizadores tinham um verdadeiro amor à causa e a ação política está imersa nas paixões. Nesse sentido, o FREPOP era um espaço de vivências, trocas de saberes, experiências e criticidade frente às contradições existentes. A Educação Popular era vista numa perspectiva teórico- crítica, prezando pela coparticipação dos sujeitos no processo de construção de conhecimento e contribuindo com questionamentos das relações de saber/poder, através do desenvolvimento de práticas vinculadas aos grupos populares e sobretudo com sua maior arma, o diálogo. Como nos esclarece Freire:

O diálogo é esse encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. [...] Por isso, o diálogo é uma exigência existencial. E se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. [...] Porque é o encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação de pronunciar de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens. (FREIRE, 2019, p. 109-110).

No início, o FREPOP tinha um formato acadêmico e formal, com palestrantes e público, aos poucos foi acontecendo uma desestruturação desse formato e a interlocução acontecia com as rodas de conversas, debates, mesas redondas, círculos temáticos, oficinas, comunicações, apresentações, exposições, que foram inclusive propostas

pelos participantes que crescem a cada ano, fortalecendo posicionamentos e pessoas enquanto cidadãs, alimentando a tomada de consciência sobre a transformação de suas realidades e ampliando suas culturas e suas formas de olhar o mundo.

2 O FREPOP Sob o Olhar de Uma de suas Lideranças

Em entrevista com uma das organizadoras do evento, Denise Rocha Pereira, conhecida de muitos como a “filha do FREPOP”, ao comentar sobre o público participante, relata:

[...] Lins nem sempre era o público maior do FREPOP... nós tivemos Nita Freire, Carlos Brandão, Francisco Itaque, nomaços... professores com produção acadêmica, pessoas renomadas (no sentido de reconhecimento), no campo da educação popular, no teatro do oprimido.

A cidade berço do FREPOP é muito escolarizada, embora nem sempre isso se reverta em mudança positiva ou transformadora, a julgar pelo seu perfil imobilista, de pensamento político de natureza predominantemente conservadora. É certo que a transformação da realidade não passa apenas pela escola, embora ela cumpra papel relevante na mudança das mentalidades, ou seja, a educação em uma sociedade capitalista, periférica e dependente, tanto pode contribuir para a emancipação quanto para a alienação.

Infelizmente alguns profissionais ao se deparar com eventos dessa proporção, pensam na permuta, na dispensa do trabalho, na participação condicionada, deixando de apreciar momentos de organização, solidariedade, cuidado com o outro, valores e dedicação, talvez nem sejam tocados de fato pela causa. No entanto, o saldo é sempre positivo porquanto sempre mobiliza novos atores sociais

comprometidos com a construção de uma sociedade melhor, diferente da que vivemos.

As agentes comunitárias de saúde do município, os professores e os alunos da EJA constituíam um público bastante frequente, havia pessoas ligadas a movimentos sociais, militantes de alguma causa, indígenas, curandeiros, parteiras, etc. Os participantes vinham das cidades vizinhas ou distantes, de outros estados e até de outros países, porque além de ser espaço de vivências, trocas de experiências, era um espaço de aprendizado, de formação, dessas que não encontramos nem na universidade. Conforme enuncia Brandão:

A produção de um saber popular se dá, pois, em direção oposta àquela que muitos imaginam ser a verdadeira. Não existiu primeiro um saber científico, tecnológico, artístico ou religioso “sábio e erudito” que, levado a escravos, servos, camponeses e pequenos artesãos, tornou-se, empobrecido, um “saber do povo”. Houve primeiro um saber de todos que, separado e interdito, tornou-se “sábio e erudito”; o saber legítimo que pronuncia a verdade e que, por oposição, estabelece como “popular”, o saber do consenso de onde se originou. A diferença fundamental entre um e outro não está tanto em graus de qualidade. Está no fato de que um, “erudito”, tornou-se uma forma própria, centralizada e legítima de conhecimento associado a diferentes instâncias de poder, enquanto o outro, “popular”, restou difuso — não centralizado em uma agência de especialistas ou em um pólo separado de poder — no interior da vida subalterna da sociedade (BRANDÃO, 2006, p. 30-31).

Em sua nona edição em 2011, o FREPOP traz uma importante novidade, a realização do I Frepopinho, idealizado por Denise, espaço esse que daria voz e vez à infância dentro do território do FREPOP, acreditando que no futuro, essas crianças e jovens estarão na construção

de um mundo melhor, contando com a participação de crianças e adolescentes, filhos dos participantes do evento, crianças da comunidade de Lins e de seu entorno, abordando temas como bullying, sustentabilidade e consumo, vulnerabilidade da infância, arte e criação de brinquedos de nossa cultura, oficina de musicalização, direitos da infância e da adolescência, questões de gênero, questões ambientais, participação em exposições de arte, oficina de teatro, de percussão com o grupo Pau e Lata, oficina de fanzine, etc., que nos conta como surgiu a ideia:

Eu lembro que uma criança foi passando de sala em sala perguntando: tem criança aqui? Na verdade ela estava procurando alguém para brincar, então levei a ideia de fazer um Frepopinho... as crianças também precisam ser ouvidas... fazer esse movimento é oportunizar às crianças a pensarem esse mundo também, que não pode ser só ditado pelo adulto, até porque o conhecimento social se forma a partir da infância.

Nesse mesmo ano, durante a assembleia de avaliação, foi definido que o fórum passaria a se chamar, a partir da edição seguinte, FREPOP - Fórum de Educação Popular. Inicia-se também uma discussão para que o fórum fosse realizado de maneira itinerante, dessa forma, ganhou asas e lugares diferentes como Marília, SP, Assis, SP, Piracicaba, SP, Lagarto, SE, Recife, PE, e suas Cirandas com grupos na Argentina, Equador, Peru, fortalecendo a educação popular e reunindo educadores de vários segmentos para expor suas práticas, discutir seus métodos. Uma efetiva contribuição para a construção de uma sociedade mais justa, ampliando horizontes sobre o cotidiano dos envolvidos e desempenhando um papel relevante junto aos movimentos e aos sujeitos que investem suas energias nas relações coletivas e nas relações de aprendizagem. Conforme os ensinamentos de Freire:

A educação problematizadora, que não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles mesmos como seres mais além de si mesmos – como “projetos” –, como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. Daí que se identifique com o movimento permanente em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos; movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo. (FREIRE, 2019, p.102-103).

Em todas as edições do fórum o tema central era ligado à educação popular e em cada uma das edições modos de vida e saberes diferentes, mas com uma crença em comum, a fé em um outro mundo possível. Diante de tantos encontros e reencontros, perguntamos para Denise Rocha se houve algum feedback relacionado ao impacto na vida pessoal ou profissional dos participantes do FREPOP, ao que ela respondeu:

Tinha uma coisa bem legal, até pela metodologia freireana, do diálogo, da escuta, da não hierarquia entre saberes, tinha essa abertura o tempo todo... e aí no final tinha avaliação de todos os olhares, mas tinha muito depoimento emocionante, muita coisa legal. Lógico que esse alcance, olha porque aprendi aqui e vou fazer lá na minha comunidade, a gente tinha oralmente, acho também que nem dava, o FREPOP era um espaço de provocação, a gente não tinha acompanhamento e monitoramento, não era essa nossa função... lá dentro tinha pessoas que trabalhavam em ONG, trabalhavam numa instituição ou estavam à frente de um movimento, elas se comunicavam, a gente não tinha alcance desse diálogo.

E era isso que acontecia nos encontros do FREPOP, havia uma pluralidade de classes sociais que lutavam por direitos, inclusão, vida de qualidade e por qualidade de vida. Eram encontros que proporcionavam o exercício da amorosidade, a dignificação do outro, o bem estar social, menos desigualdade, respeito e que proporcionava o diálogo com o outro, numa constante conscientização a caminho da libertação. Nesse espaço havia possibilidade de resistência, de esperança e de luta. A educação popular, como sinônimo do que era o FREPOP, se opõe à educação bancária, visando construir práticas educativas no contexto dos ensinamentos de Freire:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis, que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (FREIRE, 2019, p. 95-96).

Ainda de acordo com Freire, o FREPOP entendia a educação se refazendo constantemente na reflexão de sua prática, pois, insistia: um critério para saber se estamos pensando certo, é ver se estamos pensando a prática. Nesse sentido, a educação serve de ferramenta para consolidar a humanização, como nos afirma Miguel:

Consideramos a ideia de aprendizagem e ensinagem como constituintes de um processo que carrega preocupações

educacionais, culturais, políticas, mas também aportadas nas tecnologias (dispositivos da vida contemporânea), no fazer científico (levantamento de situações- problema, reflexão e argumentação), no compartilhamento de objetos culturais (materializados nos objetos de leitura, escrita, cálculo), com vistas a uma formação que se quer humana nos múltiplos aspectos aí considerados. (MIGUEL, 2015, p. 273).

O FREPOP deixa um importante legado, tendo sido a expressão do seu tempo, tido como um marco para a educação popular. Quando questionada sobre o motivo de não haver mais o FREPOP na cidade de Lins, Denise Rocha esclarece:

[...] Acho que por questões particulares mesmo, embora a gente já nos últimos tempos, eu falava: vamos fazer de dois em dois anos... não precisa ser cinco dias... pensar diferente cansa também às vezes, você tem que ter uma força e eu acho que no momento que ele (Folquito) estava vivendo, essa força precisava ser canalizada para a saúde.

Do depoimento de Denise Rocha Pereira, destaque-se, dentre outros aspectos relevantes, o fato de que a Educação Popular e a Educação de Jovens e Adultos, em particular, são compreendidas pelos atores sociais envolvidos no FREPOP como espaço ampliado de debate e reflexões teóricas sobre formas de se fazer cumprir o papel do Estado na superação do analfabetismo e da baixa escolarização de amplo segmento da população brasileira.

Para eles, a Educação Popular é espaço de luta, um campo estratégico de novas dimensões para enfrentamento da exclusão escolar e da desigualdade social aviltante. Por isso, suas falas são sempre direcionadas para a preocupação com a participação cidadã, para a garantia dos direitos humanos, para a valorização da diversidade cultural e, principalmente, pela crença no trabalho educativo organizado como

elemento fundamental para combater a alienação, as crendices e a discriminação, promovendo a solidariedade e a busca de uma cultura de paz social.

Trata-se de pensar, não em um sujeito passivo para meramente se submeter aos ditames da instrumentalização para o mercado de trabalho, mas com preparação e capacidade para se fazer um agente social ativo e consciente de interpretação, ação criadora e transformadora:

Pelos vínculos históricos existentes em muitos desses grupos com a EJA, talvez seja no interior dos mesmos que vamos encontrar uma riqueza de iniciativas, de formatos, de processos de sistematização, de publicações, em consequência do compromisso e do caráter ousado de muitos desses grupos (GOMES, 2001, p. 207).

Pelo que sabemos, o autor não esteve no FREPOP, mas sabia como essas ações da sociedade civil organizada são importantes para se pensar o outro mundo possível...

3 FREPOP: memórias do seu idealizador em uma carta pedagógica

O FREPOP se constitui como espaço de saber não institucional, de diálogo, de provocações, de debates, enfim, de produção de conhecimento, podendo ser ainda entendido como um elemento articulador para a educação popular e ao mesmo tempo como uma das conquistas da educação popular. Vale destacar também as experiências pessoais ali vivenciadas, como declara outra de suas lideranças, Antonio Folquito Verona, em uma carta pedagógica:

Falar sobre uma experiência tão forte e profunda em minha vida e, também, na existência de tantas outras pessoas, não é uma tarefa muito

fácil! Mas, neste momento, sabemos que se faz necessário para que deixemos algum legado às futuras gerações que se apropriarão deste imponderável movimento, capaz de juntar gente de todas as idades, lutas sociais, engajamento político e convicções religiosas. [...] O FREPOP em sua trajetória contribuiu significativamente, sob um certo sentido, para a manutenção, reconstrução, divulgação e consolidação dos temas e metodologias propostos pela educação popular, indo muito além das fronteiras locais e nacionais. Com essa práxis, o FREPOP chegou praticamente aos cinco continentes através da participação de militantes de dezenas de países; pela constituição de uma grande rede de contatos pessoais ou de grupos, formais e informais, de encontros e reencontros e, até mesmo, de atos concretos de solidariedade mútuos [...] Mas, talvez, a maior contribuição do FREPOP para minha atual existência tenha sido o suporte afetivo e teórico que nele encontrei para que pudesse superar o aparecimento em mim de um tumor, diagnosticado maligno, que me fez passar por vários procedimentos médicos, durante o ano de 2012 [...] O FREPOP, e nele, especialmente a educação popular em saúde (Tenda “Paulo Freire”), me ensinou que nosso corpo tem todas as condições de superar as doenças, especialmente as que ele mesmo cria, como, neste caso, o câncer. Por meio dela, descobri ser possível pensar num processo de autocura, que compreendia três momentos, ao mesmo tempo distintos e complementares: a intensificação dos cuidados com o próprio equilíbrio psicoemocional; a prática semanal da auto-hemoterapia, para o fortalecimento de minhas defesas físicas; e a mudança radical nos hábitos alimentares, através da ingestão de comidas mais saudáveis e adequadas. Por tudo isso que escrevi, creio que ficam muito explícitos, sob meu ponto de vista, tanto a importância como o significado do FREPOP para o avanço da educação popular no Brasil e, por que não, também no mundo; assim como a mudança para melhor, como disse Paulo Freire, da vida de cada uma das pessoas que estão inseridas nesse contínuo e longo processo de “auto-educação.” (FOLQUITO, 2015, pp. 103-105, apud CRUZ, 2015).

Diante de tudo que foi exposto, nossa utopia é que a educação popular, a exemplo do que acontecia no FREPOP onde havia muitos

protagonistas, cada um contribuindo com seus saberes, tendo como característica a mediação como processo de educação compartilhada, seja vista como política pública e venha a ser efetivamente materializada, considerando que a educação popular na EJA é possível, vinculando o contextual à realidade. Como nos esclarece Paulo:

As possibilidades de resistência e de ruptura emergem, demonstrando que, não necessariamente, devemos abrir mão da ação dentro dos processos formais, como é o caso da escolarização. Pensar a educação popular é, ao mesmo tempo promover o enfrentamento do poder controlador e instituir estratégias de luta e resistência a ele, mesmo por dentro do sistema oficial, até porque o sistema escolar não é a única fonte de educação. Se a escolarização formal é um grande projeto de controle social, é preciso lembrar que os educadores, entre seus sujeitos, são os executores privilegiados desse projeto. (PAULO, 2014, p. 198).

Além disso, exigências da sociedade contemporânea, evidenciam que apenas alfabetizar os jovens e adultos não é suficiente, o que:

[...] impõem à EJA alcançar novas dimensões, propiciando a formação integral do ser humano e a consciência de suas potencialidades como ser criador, de modo a assegurar o acesso aos bens culturais, aos meios de preservação do meio ambiente e promoção do desenvolvimento sustentável, aos conhecimentos científicos e tecnológicos necessários à participação social e inserção no mundo do trabalho. O acesso à leitura e à escrita da língua nacional, a compreensão das diversas linguagens, o domínio dos símbolos e operações matemáticas, bem como dos fundamentos das ciências sociais e naturais, constituem as bases para o aperfeiçoamento constante dos indivíduos. Concebendo o conhecimento como uma construção social fundada na interação entre teoria e prática, e o processo de ensino aprendizagem como uma relação em que predomina a troca de saberes, os currículos da

EJA devem abordar os conteúdos básicos desde os princípios da educação popular em uma perspectiva interdisciplinar.” (PAIVA; MACHADO; IRELAND, 2007, p. 28).

Nesse sentido, a educação é ato político que se aproxima da humanização.

Considerações Finais

Uma das intenções dos organizadores do fórum, que se deu como instituição política e social, numa perspectiva de acontecer a qualquer tempo e em qualquer lugar, era criar um território para debater práticas de forma reflexiva e crítica, com sujeitos não institucionalizados que têm muitos saberes e que poderiam expor esses saberes.

Isso veio se concretizar, havia participação de educadores de movimentos populares de saúde, de cultura, de moradores de rua, sindicalistas, trabalhadores rurais, indígenas, pessoas engajadas com a questão do negro, da mulher, movimentos do hip hop, da capoeira, do teatro, quilombolas, representantes que lutam pela posse da terra, pastorais sociais, de terreiros de matriz africana, de tantos outros mais segmentos e de várias partes do mundo, participando e apresentando suas características de sociedade e de modos de vida, buscando novas perspectivas, se desafiando com outras possibilidades e enquanto atores sociais, levando novas experiências e aprendizagens para seu cotidiano, através do diálogo e da escuta ativa.

Nos dizeres de Brandão: “O que o homem faz é o que ele cria. O que ele cria são os gestos de quando o coração e o conhecimento geram os saberes de sua condição de pessoa em busca da construção de sua liberdade” (BRANDÃO, 2006, p. 47).

Nesse sentido, o FREPOP deixa um importante legado, tendo sido a expressão de seu tempo, tido como marco da educação popular, fortalecendo a construção dos saberes, compartilhando experiências e práticas e, acima de tudo ampliando a crença num outro mundo possível.

Não podemos deixar de citar também, uma pessoa pela qual nutrimos grande admiração, o Prof. Dr. José Carlos Miguel especialmente por seu discurso ético, por seus escritos coerentes e de fato inspiradores, uma referência, em qualquer que seja a situação, de leitura, de aula, de reunião, em cursos de formação ou capacitação, em transmissões pela internet, correio eletrônico, seguindo sempre a mesma linha, ou seja, o diálogo horizontal e sempre defendendo o que acredita, de tal modo que, além de nos fazer refletir, nos faz quereremos ser melhores como profissionais e também como pessoas.

Um homem que tem a máxima titulação acadêmica, porém, que nunca deixou de ser um educador popular, participou de várias edições do FREPOP, inclusive como membro da coordenação, que ao nos ouvir, escuta atentamente, valorizando-nos e fazendo com que possamos nos sentir “importantes”, é um dos maiores exemplos de empatia, generosidade e humildade que já vimos, demonstra sua preocupação com a educação popular na organização desses escritos, e carrega a bandeira da EJA por onde quer que passe, nosso sentimento será sempre de gratidão!

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação.** São Paulo: Cortez, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo, Brasiliense, 2006.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de; MIGUEL, José Carlos; ZANATA, Eliana Marques. Travessias na EJA: A extensão universitária como ponte do fazer, do aprender, do pensar. **Cad. Cedex**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 257-276, maio-ago., 2015.

CRUZ, Márcio L.V. (organizador). **Fórum de Educação Popular: tecendo e alinhando encontros, experiências e saberes**. Goiânia: Gráfica e Editora Cerrado, 2015.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 67ª ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2019.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 13ª ed., São Paulo: Cortez, 2003.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da Educação. **São Paulo em Perspectiva**, vol. 14, n. 2, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/hbD5jkw8vp7MxKvfvLHsW9D/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25 jul. 2021.

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/municipios-sao-paulo/lins-sp/presidente>Acesso em: 19 jun. 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* 5ªed., Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MANZINI, E. J. **Análise de Entrevista**. Marília: ABPEE, 2020.

PAIVA, Vanilda Pereira. **História da educação popular no Brasil:** educação popular e educação de adultos. 6. ed. revis. ampl. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PAIVA, Jane; MACHADO, Maria Margarida; IRELAND, Timothy (Org.). **Educação de jovens e adultos:** uma memória contemporânea – 1996-2004. Brasília, DF: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2007.

PALUDO, Conceição. Educação Popular como resistência e emancipação humana. **Cad. Cedes**, Campinas, v.35, n. 96, p. 219-238, mai-ago., 2015.

PAULO, Fernanda dos Santos. Educação popular e educação de jovens e adultos em diálogo. *In*: PIMENTA, Selma Garrido (org). **Educação Popular e Docência**. São Paulo, SP: Cortez editora, 2014

SOARES, Leôncio José Gomes. As políticas de EJA e as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos. *In*: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Educação de Jovens e Adultos:** novos leitores, novas leituras. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Ação Educativa, 2001, p. 201-224.